

Deponente: Cipriana da Cruz Rodrigues

Entrevistadores: Maria Aparecida Rodrigues Miranda, Vanuza Nunes Pereira e José Alexandre Salles

Data do depoimento: 15/12/2014

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 1: A senhora vai falar o nome completo

CIPRIANA: Eu me chamo Cipriana da Cruz Rodrigues sou viúva daquele assassinato que teve lá em 85 [sic], estou com 73 anos mas esse tempo todo eu passei com minha família tentando viver da melhor forma possível, não era fácil porque nesse tempo a gente tinha muita dificuldade de adquirir as coisas a gente vivia com muita pouca roupa muito pouco alimento, os meninos passavam frio a gente tentava ficar sem dormir pra colocar, mas mesmo assim a gente passava muita dificuldade, mas aí enquanto era só dificuldade da família do bem estar da gente estava bom, mas depois que a gente chegou lá.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 2: Lá a onde, onde era?

CIPRIANA : Lá na fazenda Riacho dos Cavalos com o título Mandiocal lá onde a gente morava, é uma terra muito produtiva.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 1: Município?

CIPRIANA : Município de Bonfinópolis.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 2: Bonfinópolis.

CIPRIANA : Isso, acho que agora é de Natal, me parece mas é Bonfinópolis até então, né.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 1: E o marido da senhora? nome completo dele.

CIPRIANA : Ata, aí casei com Julho Rodrigues Miranda

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 2: Como, Junior ?

CIPRIANA : Julho.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 2: Ah sim Julho.

CIPRIANA : Vivia naquela luta de criar os filhos, a gente não sabia o que era sentar um pouquinho pra discutir as coisas porque a gente não tinha tempo ou a gente não era preparado pra fazer esse tipo de coisa, aí vivia aquela muamba o tempo todo, preocupado com a cara ruim sem saber o que fazer aquele tanto de preocupação aí deixava um pouco relaxado [sic], mas veio 8 filhos graças a Deus estão todos vivos, meu marido era tão gente boa tão cuidadoso com os filhos, mas ele estava com uns 44 anos e estava parecendo já um senhor de idade, uns 60 anos pra mais devido a preocupação que a gente vivia a dificuldade as ameaças , aí de 7...

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 2: Ameaças tinha alguém que ameaçava?

CIPRIANA : Os fazendeiros, era José Boaventura Moreira Magalhães e Edmundo Moreira Magalhães e eles três irmãos, mas acho que houve um desentendimento e ficou só com dois, e o outro foi embora e esses dois grilarão nossa terra lá [sic], porque eu sou... Meus dois avos paterno e materno todos dois tinham direito lá e a gente estava (trecho incompreensível) esse direito que a gente tinha que quando a gente entrou a gente não entrou sem informação nenhuma não, meus irmãos procurou gerente da fazenda e querendo um lugar de agasalhar a família pra criar os filhos, mas aí o gerente disse assim: “Olha desde que vocês não encomendem ninguém que já tá vocês podem assentar onde vocês quiser.” [sic] , aí a gente entrou assim e pensou que ia só com nós mesmo [sic], né, mas aí quando estava com 9 anos que a gente morava lá trabalhando muito, já estava colhendo muita fartura aquele, tinha um monte de serviço, mas como a gente entrou só com a cara e a coragem era foice machado de facão, aquele que tinham uma produção(trecho incompreensível) era pequena invista do que o que podia produzir lá porque a terra é muito boa a água muito boa [sic], mas a gente foi ficando impensado com esse negocio dos fazendeiros terem entrado a 9 anos entraram e queria apertar nós [sic] né, querendo, querendo não, ameaçando já (trecho incompreensível) era na sorte mesmo não tinha ajuda nenhuma, eles não ofereciam pra gente ajuda nenhuma se a gente procurasse eles mudavam de assunto e a gente foi ficando, quando estava na base de uns 10 anos a gente começou a ganhar um pouco de consciência do que a gente precisava, porque eu não sei mais quando a gente fundou o sindicato, foi em 81, né.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 2: Que sindicato que é?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 1: Foi 81.

CIPRIANA: Sindicato dos trabalhadores rurais de Unaí, aí o sindicato começou a orientar a gente, minha filha já estava no sindicato.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 1: Qual é o nome completo da filha senhora?

CIPRIANA : Maria Aparecida Rodrigues Miranda.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 1: Ela era presidente do sindicato?

CIPRIANA : Isso, ela era presidente do sindicato bem novinha ainda.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 1: Quantos anos ela tinha?

CIPRIANA : Ela estava entorno de 16 anos 18 anos, ela foi professora lá com 13 anos.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 1: Ela era professora da escola dela?

CIPRIANA: Da escola comum, era escola publica, mas foi quem deu início lá ajudou a criançada [sic] que tinha lá, era uns meninos da comunidade mesmo, era uns meninos que aprendia muito com os professores que tinha lá que entrou, primeiro a minha filha depois

entrou outros, os meninos tinha uma facilidade muito grande de chegar nas outras escolas públicas e passar muito bem de ano, estava indo assim muito bem, mas quando entrou esses homens (trecho incompreensível) começou a atrapalhar nossa vida a gente foi ficando atrapalhado [sic], preocupado, apertado a gente contava com as nossas forças, o que colhia tinha que reparti com eles, o que sobrava para nós criar nossos filhos é, tinha um vizinho lá que eles preparou ele pra nós dedar [sic], era qualquer coisa que a gente fizesse ele corria e contava, e aí eles já deixou ele como espião e...

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 2: A senhora lembra o nome dele?

CIPRIANA: Lembro, é Jonas não sei se é Ferreira de Jesus, eu não tenho muita certeza não.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 2: Isso que ano que era mais ou menos, a senhora lembra?

CIPRIANA: Isso.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 2: Já tinha 10 anos se passado lá?

CIPRIANA: É, de 71 pra cá foi só aumentando, só aumentando de jeito que a gente viveu lá 17 anos só de pressão [sic], a gente dormia no mato com os menino sem agasalho nenhum passava frio passava muito medo, pernilongo acabando com a gente nas moita né, com os meninos e a gente foi ficando muito (trecho incompreensível) quando eles chegaram a ameaçar que ia fazer alguma coisa mesmo a gente (trecho incompreensível) ninguém dormia direito mais ninguém comia direito a nossa condição já era ruim.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 2: E quem ameaçava, era só notícia ou tinha alguém assim que ameaçava? A senhora lembra o nome de alguém?

CIPRIANA: Pois é o Jonas era um tinha os carreiro que vinha buscar nossa produto o mantimento que a gente colhia aí eles vinham pegava e passavam a cerca inteira carreando do lado de lá milho, feijão, arroz e passando as informações e informando a nós, era de pirraça mesmo era pra ameaçar a gente para (trecho incompreensível).

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 1: A senhora lembra o nome de algum deles, desse empregados da fazendo?

CIPRIANA: Eu lembro, tinha o Manuel (trecho incompreensível) que era um jovem dessa época, tinha o Carlinho, que chamava de Carlinho, tinha o Lívio que era Olívio que era um dos empregados de lá, não sei, esse assim eles tinha uma mania de... como a gente era muito pobre e passava muita falta eles tinha mania de passar pelo fundo das casas da gente lá em Ada Puriri [sic], comer requeijão com doce, queijo com rapadura lá na frente porque eles sabiam que nada ia ficar muito incentivado e ia arranjar, né, então e essas coisas assim

torturava a gente de muitas formas, inclusive nossa família já estava muito grande e as casas muito ruim e eu peguei e atormentava o meu marido para nós fazer uma casinha melhor, olha a gente queria sonhava com uma casa do cimento vermelho e pra mim se fosse uma casa de cimento a gente já estava bem e nós ficamos nessa luta e resolveu fazer uma casa melhor [sic], não ia ser boa não porque as condições não dava, mas mandou tirar uma (trecho incompreensível) e aí ele juntou com meu irmão que era cunhado dele e meu filho que era o mais velho, já estava grande rapazinho, fizeram tiraram madeira lá no... madeira verde, né, porque não tinha condição e estava fazendo a casa, já tinha fincado (trecho incompreensível) quando os dois, Julho mais o Zé, filho dele, chegou do mato com um pau grande lavrado no ombro, no ombro dos dois assim e aí os fazendeiro tinha mandado lá para arrancar nossa casa e ameaçar né, aí veio os fazendeiro com cara de jagunço que era os empregado deles, dois pé de boi e os (trecho incompreensível) preparado [sic], eles estavam armados, mas tinha um que molhou um cabresto (trecho incompreensível) amarrou na cintura e disse que não era pra ninguém abrisse a boca, se falasse alguma coisa apanhava, aí era esse que era o Edimundo, aí mandou cavar os pés dos esteio, arrancou (trecho incompreensível) para arrastar, e bagaceira assim, aí...

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 1: Que ano que aconteceu isso?

CIPRIANA: Isso foi em, peraí [sic], acho que em 83 estou meio esquecida mais acho que foi em 83 [sic], aí essa hora..

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 1: Esses jagunços foram junto com os fazendeiros?

CIPRIANA: Junto com o fazendeiro.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: O fazendeiro que comandou a derrubada da casa?

CIPRIANA: Sim, mandando os jagunço arrancando os esteio botando os boi pra arrastar e o Edimundo com uma vara na mão e andando em volta, né, e comandando, e minha filha disse assim.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 1: Qual o nome da filha da senhora?

CIPRIANA: Maria Aparecida, aí disse assim: Quem é o próximo do senhor?”, “Eu que lhe pergunto.”, aí a resposta foi essa, aí arrancaram a casa estrefegou tudo, e eles foi dando saída e nós foi voltando lá pra casa [sic], era perto aí meu marido foi descendo tão agoniado abriu a boca e chorou igual criança, descendo pra lá e chorando, ah isso doeu muito, doeu muito, ele era um homem tão calado, tão obediente, trabalhava tanto sem reclamar nada naquela dificuldade toda e ele não reclamava, estava recebendo aquilo na carne, ele estava diminuindo virando velho todo desfeito por causa da situação, e daí pra cá a gente foi ficando na parte de cá cada vez mais coagido, nós pedia pra nós fazer roça um jogava pro

outro [sic], “Ah fala com fulano ele que e quem vai mandar isso.”, aí quando a gente ia falar com outro falava: “A fala com ciclano ele quem vai comandar isso pros cês.” [sic], aí nós cansou de procurar ele e não dava assunto certo aí a gente foi meteu a foice no mato, não roçou muito porque a gente era pequeno e tinha pouca força nós roçou, nós roçava uma rocinha de tamanho (trecho incompreensível) e era homens e mulheres, os homens iam na frente e faziam a roça na hora que colocava fogo as mulheres iam pra juntar garrancho chegava as planta ia ajudar plantar os homens covando e a gente atrás plantando e assim [sic], nós éramos 11 famílias e coitadinha das mulheres viviam com aqueles barrigão o tempo todo, os meus filhos eram de 2 em 2 anos as outras também era e era na roça em casa socando pra poder cozinhar, ia pra roça ajudava plantar até mais tarde, voltava e ia fazer mais comida voltava, nós fazíamos três comidas por dia aí pra resto não estava chegando inventando mato tremer que tinha que comer depois da merenda porque estava todo mundo tremendo [sic], naquilo via cabloco tremer os braço, os braço tremendo de fraco bater ferramenta pesada e a gente mulher nós ia ajudar na roça enquanto estava mais ou menos e depois ia pra casa fazer de novo e trazer, era a mesma coisa de um formigueiro não podia quieta porque se não o bicho pegava né não tinha como oferecer pros filhos nem o que a gente deu conta de dá que era a comida fraca assim, digo não tinha condição de comprar nada, dinheiro? Dinheiro a gente não podia nem pensar era muito difícil e foi assim que até chegou um dia lá que o fazendeiro ameaçou antes aí a gente ficou sabendo que ele (trecho incompreensível) fazer alguma coisa

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Qual fazendeiro? O Edimundo?

CIPRIANA: Zé Boaventura os dois irmãos que ficou contra lá foi esses dois o José Boaventura e Edmundo Moreira Magalhães e aí eles mandaram falar, né, que ia persegui nós e deu no dia que os jovens, era bastante jovem meninos e meninas, era bastante deu um dia cada grupo foi pra uma reunião de jovem, um encontro de jovem uns foi para Bonfinópolis outros foram pra Unaí e ficamos só umas poucas pessoas na área, e lá é difícil, lá é um buraco assim e vai descendo até, e aí uma das meninas e foi lá e falou comigo assim, eu mais uma: “Oh pai, (trecho incompreensível) chegou, que eu ouvi um barulhão ali na ponte.”, e aí nosso (trecho incompreensível) tinha passado esses dias com febre e não tinha nem comido direito ainda, tava... aí... agora não teve mais tempo, aí foi saindo e cedo eu tinha ido lá, ele estava [sic].

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 1: Lá a onde?

CIPRIANA: Lá em cima onde foi o assassinato

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 1: Mas era a onde?

CIPRIANA: Era na casa do no meu irmão.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 1: Na casa do irmão, que nome?

CIPRIANA: Isso, era cheio de filho, Sabino da Silva Oliveira.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 3: Mas onde é exatamente a região?

CIPRIANA: Região de Natalândia é mais dentro do vão, mas é ali na região de Natalândia que hoje é município, aí meu irmão tinha cansado de lutar com a filharada que tinha e mudou [sic], mas as coisas não mudou ele ficou apertado porque a gente tinha ficado aí ele voltou, assim que ele voltou o vizinho avisou, né, o fazendeiro e ele desceu lá esse dia preparado pra fazer o que eu pedi, nessa hora que a menina falou pra nós que ele tinha chegado ela falou e ficou de butuca, né, aí ele foi saindo e eu falei me espera que eu vou também, aí eu estava de vagar, eu e ele, ele tinha ido (trecho incompreensível) uma garrafa de leite para a cunhada dele estava tomando remédio e voltou e fraco que ele tinha passado a noite de quinta até sábado com febre, aí sábado cedo ele levantou, e foi chegando a menina falou e nós subimos, chegou lá na porteira estava meu irmão saindo com uma menina pequena e minha cunhada que é casada com o outro meu irmão com outra menina pequena estava os dois com a menininha e eu mais Julho chegou e estava o fazendeiro e dois jagunço lá beirando a cerca, né, a porteira [sic], e nós foi chegando e ele falou: “Então é você né?”...

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 1: O nome do fazendeiro e os jagunços que estavam com ele.

CIPRIANA: O nome do fazendeiro é José Boaventura e o nome dos jagunços um era João irmão do Jonas, Jonas Francisco de Jesus e o outro era, agora o outro eu até esqueci quem era, não sei se é, eu esqueci quem era só sei que era dois, e eles estavam preparados ali e aí nós chegamos e o homem passou a palavra pra nós: “Inclusive vocês aí que chegou, tem uma filha que está no sindicato né.”, aí eu respondi logo: “Isso não interessa, nós formos aqui.”, aí só falei assim aí eles começaram passou por nós junto e não falou nada aí eles foi conversando e perguntando as coisas já pra mim [sic], porque eu sou atrevida né, foi perguntando as coisas, eu vou voltar atrás que tem um detalhe porque que sou atrevida, porque quando a gente estava trabalhando lá colhendo arroz ia sobrava botava no saco pra sacaria nova e pôs o arroz costurou e guardou lá pra que eles vinhesse buscar [sic], quando eles buscou, veio buscar trouxe um monte de saco rasgado, pra levar os novo e deixar os rasgado pra nós, e eu fiquei muito pé da vida [sic], porque onde já se viu, estava com um barrigão danado nervosa que só eu falei com ele assim, o gerente chegou tinha um montinho de feijão assim no canto da casa que meu marido tinha colhido pra começar a

safra, botou um montinho de feijão, olhava para o feijão fazia gosto bom [sic], aí o cara enfiou o mãozão dele dentro do feijão e peneirou na mão: “Eh Cipriana, Julho já está querendo saco?” e eu com uma raiva danada falei: “Julho que saco do senhor não.”, falou: “Não que por quê?”, eu falei porque nós estamos cansados de arrumar o mantimento pra vocês e o saco novo, vocês trazem esse monte de trapo pra nós e não faz mais nada pra nós.”, falou: “O Cipriana eu vou...”, falei: “Oh fazendeiro vem cá, manda vim porque até hoje a gente não conhece cara de fazendeiro, tempo todo mandando e nós nem sabe quem é.” [sic], ah no outro dia ele chegou e foi chegando José Boaventura era um cara gordo, bicho vermelho, gordo, montado num cavalo, muito bem ajuntado, chegou e estalou o laço de uma só vez e falou: “Eu sou o dono de tudo isso aqui.”, eu falei: “Você não é dono do mundo não.” [sic], eu falei logo assim porque eu já estava encharcada de sofrer abuso e eles que ia (trecho incompreensível), ele chegou tão verdadeiro, não passava necessidade e ainda era dono disso tudo lá, porque a gente já estava lá quando ele chegou e aí eu fui atrevida, mas eu não nego não, aí volto lá no outro assunto que era quando ele chegou lá na porteira, nós chegamos e eles estava falando assim com o Samir: “Inclusive esse cachorro velho aí, saiu chegou e não falou nada com a gente.”, sai caladinho de cabeça baixa e os menininho olhando caladinho assim, foi chegando e passou a palavra pra mim aí eu comecei, aí ele disse assim: “Pois é inclusive você que tem sua filha no sindicato.” [sic], né aí eu falei: “Isso não interessa, e seu irmão velho aquele careca eu quero ele aqui também.”, aí não demorou nada ele perguntou, aí eu falei do gado que estava na roça que como que a gente ia fazer pra tratar dos nossos filho, que era muitos filho e era que a roça que tinha o mantimento que cuidava dos nossos filhos [sic], ele disse assim: “Esse ano eu vou mudar tudo pra vocês, vou colocar vocês tudo de baixo da terra tá aí o cemitério.”, aí eu falei: “Mesmo que o senhor matar o senhor não mata tudo e os que ficar vai ficar em cima da terra precisando é melhor pensar direito, porque de cima da terra ninguém vai sair né, vai precisar de recurso.”, aí ele falou: “Ah tá vocês quer morrer?” [sic], aí começou eu vi a hora que ele foi abrir a boca da bolsa assim pra tirar o revólver ficou tremendo nervoso, tirou o revólver e ainda viu o revólver brilhou assim e eu escutei o primeiro estalo pegou no meu marido no queixo e ele só torceu assim e ia cair e eu estava do lado e fora quando vi que ele ia atirar eu fui passar pra dentro e ele deu o primeiro pipoco no queixo de meu marido e o segundo em mim, aí o terceiro foi (trecho incompreensível) o segundo foi em mim aí eu bati no chão assim foi um baque eu não aguentei ficar em pé [sic], eu estava com um (trecho incompreensível) enrolado na mão eu enfiei debaixo da cerca e arrastando mesmo porque eu já tinha tomado tiro e fui e peguei meu marido, porque não tinha acabado de cair aí quando eles deram mais

o terceiro tiro aí pegou no braço assim e no coração assim, aí ele caiu no meus braço aí eu acabei de receber ele assim, oh tristeza aí eu olhei bem assim e o olho cheio de água aí eu falei assim: “Oh acabou meu casamento.”, nessa hora eu nem lembrei que eu estava baleada também só lembrei daqueles tiros que pegou nele que (trecho incompreensível) que estava doendo, em mim estava doendo mais, aí eu recebi ele acabou de respirar em meus braços aí como não tinha outro jeito encostei ele lá no chão assim e fui saindo, levantei tentei pra vê se estava com o espinhaço quebrado aí não estava dei conta de levantar e fui [sic], tomei o tiro desceu uma coisa fria assim na espinha pra baixo, eu passei a mão com dor pelejando aí sujou de sangue, não doeu nada do deu aquele baque eu cai e passei a mão assim era o sangue caindo aí eu levantei e fui em direção da casa do meu irmão era pertinho era um terreiro assim olhei pra lá e não vi mais ninguém só tinha a sogra dele, eu pedi água desespero eu não sabia o que fazer e pedi água eu não estava com sede não aí ela vinha com uma bilinha de água tremendo derramando a água tudo e eu só olhei pra essa água e fui voltando porque não tinha mais ninguém [sic].

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 1: Um detalhe importante, quando ele atirou no Julho ele estava do lado dele da cerca?

CIPRIANA: Julho estava do lado de dentro e eu ainda não tinha passado, ele tinha passado e eu ia passar mas ele foi muito rápido ele pegou ele do lado de dentro já e quando eu enfiei pra passar de baixo da cerca ele atirou ne mim [sic].

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 3: Pelas costas?

CIPRIANA: Sim pelas costas.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 3: Dona **CIPRIANA** a senhora pode repetir quem que foi o autor dos tiros?

CIPRIANA: Posso, José Boaventura Moreira Magalhães.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 3: De todos os tiros?

CIPRIANA: De todos os tiros.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 3: Tanto na senhora e no senhor Julho.

CIPRIANA: É, o primeiro nele segundo em mim e o terceiro nele.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 3: Nele de novo.

CIPRIANA: Ele descarregou o revólver nessa hora com todas as três balas que sobrou pra nós e o cavalo dele saiu endoidando por causa dos tiros e assustou saiu tentando me derrubar no fundo assim e aí, nisso eu nem escutei mais porque eu esqueci que tinha alguém ali envolvi comigo mais Julho ali [sic].

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 2: A senhora tinha alguma coisa na mão?

CIPRIANA: O jornal Telejão.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 2: O marido da senhora também?

CIPRIANA: O meu marido não tinha nada na mão.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 2: Nada na mão.

CIPRIANA: Nada. Aí na hora que eles perguntou se queria morrer, eu estava muito atrevida aí falei assim: “Se for pra salvar os outros eu quero.”, meu marido só falou assim: “Quero.” já com a voz tão roca, tão detonada de susto de medo aí o fazendeiro nessa hora mesmo ele aproveitou a danura do cavalo que já estava querendo (trecho incompreensível) ele por causa dos tiros, e diz.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 1: Então ele estava montado no cavalo?

CIPRIANA: Estava, era a cavalo

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 1: Os três?

CIPRIANA: Os três, e ele disse assim, nessa hora eu não ouvi eu ouvi falar que ele falou: “Eu vou matar essa velhinha porque ela me atenta muito.” aí o João era casado com a menina que meu irmão criou então ela...

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Que altura o tiro?

CIPRIANA: Na altura dos rins e essa bala passou entre a coluna e o intestino, não pegou no intestino e passou pra poupa direita e alojou e aí eu tomei aquele baque e só cai, não fiquei aleijada (trecho incompreensível) falou assim: “Não basta só deixa terminar.”, e ainda desceu foi lá na casa do meu irmão mata ele também, enquanto eu descia.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 3: Sempre que a senhora falar ele a senhora tem que se referir ao nome da pessoa.

CIPRIANA: O José Boaventura.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 3: Isso.

CIPRIANA: Que foi quem deu o tiro em nós e ia atrás do meu irmão pra matar, meu irmão Lucas, Lucas Vieira da Silva, e aí ele desceu enquanto meu irmão e deu no dia que o meu irmão tinha saído junto com o Jorge para as reuniões pra o encontro de jovem na cidade ele não estava em casa [sic], ele chegou e perguntou e falou lá, a esposa dele saiu e falou assim: “Cadê o Lucas?”, “Saiu.”, “Pra onde?”, “Lucas está viajando.”, aí ele estava até com a boca da bolsa desabotoada ainda estava como revólver do jeito, mas aí o Lucas não estava em casa a Aparecida também não estava ele foi voltando enquanto ele voltava eu não tinha mais o que fazer fui voltando também, nós íamos topar ali na boca da ladeira, mas aí eu acisei [sic] que eu não acabava de chegar caminhando porque logo as costas foi ficando dura foi ficando sem conseguir andar direto aí cortei um atalho que tinha que entrava no

mato pra vê se eu dava conta de acabar de chegar, porque era mais perto, quando eu cheguei nessa porteira minha menina estava, a menina que avisou pra nós a chegada do José Boaventura aí fui chegando lá e falei: “Minha filha não deu certo não, seu pai morreu.”, aí nossa ela caiu de cima dessa cerca rolou, me acompanhou, mas eu mandei ela ir pra casa porque eu já estava numa distância que não dava para os fazendeiros me ver mais, quando eu olhei do outro lado aí passa ele de volta se ele me acha no caminho capaz dele me matar, mas eu tinha entrado nesse desvio aí ele não me achou. Enquanto isso meu irmão Vicente que já estava orientado, que a mulher dele chegou contou o que tinha acontecido ele ia pra ver o que nós vazia o que aconteceu com nós, aí foi (trecho incompreensível) não vi mais o pessoal me carregou com uma pra ir tratar e levou eu para o outro lado, eu não vi ele mais, e isso está doendo até hoje e é muito, porque nem só a pessoa que foi colocada na minha vida pra viver comigo e meus filhos e ele não merecia morrer desse jeito, não era homem de caçar encrenca, não era homem de beber cachaça era um homem tão calmo tão honesto, pagava tudo que devia a tempo e a hora era só poder [sic] e era um homem assim muito calmo muito ajeitado pra conviver e morrer desse jeito, e a gente pensou que podia ter justiça de punir esses homens que fazem isso com quem não estava caçando morte e foi julgado, mas tudo foi isentado porque era rico, né, e tinha poder de soltar pra mídia que eles era produtor grande enquanto nós éramos pequenos e quem foi preso foi nós [sic].

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 3: Senhora Cipriana só pra terminar qual foi a data exatamente do acontecido?

CIPRIANA: Foi dia 6 de outubro de 1985.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 3: No município?

CIPRIANA: No municípios de Bonfinópolis, isso era umas nove horas da manhã no domingo.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 4: Aí teve o julgamento.

CIPRIANA: Veio o julgamento, mas isentou ele, tem até uma foto de mim mais minha filha do lado e um policial vigiando nós [sic].

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 3: Qual filha da senhora?

CIPRIANA: Filha Maria Aparecida, aí tem a foto, mas eu não pensei pra trazer, nós duas conversando e o policial vigiando como se nós fosse criminosas e a gente conseguiu botar ele no banco de réu, mas ele foi inocentado se quer a gente conseguiu pelo menos ter uma indenização que eu acho que a gente merece, porque na época eu tinha 6 filhos menor e nada foi feito não teve respaldo foi uma morte que ficou muito clara, da gente que era pobre

inclusive era uma distância muito grande só chegava até nós com uma ponta pesada pra pisar pra ameaçar mesmo eles não tem piedade de ninguém que já sofre[sic], não precisa se honesto tanto faz se for honesto ou ladrão, talvez se fosse ladrão eles teria até tratado melhor, como a gente não sabia fazer o errado eles aproveitou que a gente era humilde não sabia carregar uma arma para dar neles um pipoco quando precisasse e se bem que assim que aconteceu meus filhos homens queriam vingar a morte deles, o sargento não acho que era ideal se eles fizesse alguma coisa se matasse algum deles[sic], porque era muito fácil de matar, assim como eles mataram com facilidade muito grande a gente também sabia matar, mas nós não íamos sair bem como eles saiu porque somos pobres, eles iam matar a família e não ia ser preso não porque ia alegar legitima defesa como alegou no dia do acontecido e a gente não tinha nada nas mãos e eles saíram admitindo que foi legitima defesa arrumou um delegado muito bravo, disse que era muito mal muito famoso pra fazer maldade.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 3: A senhora lembra o nome do delegado?

CIPRIANA: Não lembro, só sei que era um homem branco do olho azul e disse que era o terror daquele tempo, ele mandou o delegado fazer a perícia, ele chamou num quarto escuro e sozinho e foi fazendo as perguntas[sic], eu não sei negar, mas eu fui falando quando chegou na hora de ler depoimento meu ele estava contra mim aí eu não vi que eu depus errado não[sic], mas aí eles perguntaram: “Por que vocês depois desse jeito?”, falei: “Porque eu fiquei com medo, ele me levou pra um quarto escuro sozinho e eu não sabia o que ele queria, aí fiquei com medo.” e não tinha sido verdade mesmo não Deus que foi colocando palavra na minha boca, porque eu nessas alturas eu não tinha medo de mais nada não eu não estava com medo nem de morrer do jeito que eu sou assombrada com a morte não estava com medo de morrer não eu já tinha entrado na lama mesmo estava perseguida, minha família também perseguida, estava muito ruim e eu não tinha muito medo de morrer [sic].

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 4: Onde que foi esse depoimento que a senhora estava falando, que o delegado chegou e chamou a senhora para um quarto escuro?

CIPRIANA: No Hospital de Base em Brasília.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 4: Em Brasília, no Hospital de Base? a senhora estava internada?

CIPRIANA: Estava, porque quando aconteceu lá o pessoal me levou passou por Unai nem me desceu da ambulância levou direto pra Brasília pro Hospital de Base e aí esse delegado apareceu e chamou lá pro quarto.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 4: Quanto tempo mais ou menos a senhora lembra?

CIPRIANA: A foi uns 40 minutos ou mais.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 4: Quanto tempo do dia que a senhora chegou?

CIPRIANA: No mesmo dia.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 4: Mesmo dia?

CIPRIANA: No mesmo dia, eu já tinha dado o depoimento, José Boaventura já tinha dado o depoimento dele e foi pegou o meu mais foi o delegado que arranhou para fazer esse depoimento, pra pegar o depoimento meu, foi o dia que arrumou para pegar o dele.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 3: Senhora **CIPRIANA** a senhora se lembra a data que a senhora deu o depoimento?

CIPRIANA: Foi no mesmo dia 6.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 3: 6 de?

CIPRIANA: 6 de outubro de 1985, isso foi nove horas da manhã quando deu a tardinha [sic] entrando na noite a gente já estava lá em Brasília, esse dia eu cheguei, esse dia me trouxeram pro hospital e tudo que contou o que era ninguém quis por a mão na sisura [sic] não fez nada, andou pegando o depoimento só pra saber quem foi, e falou: “Não pode ir embora está liberado.”, aí a ambulância me levou pra casa do meu sobrinho lá no Brasília, lá no Guará.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 3: Que dizer que a senhora não foi atendida?

CIPRIANA: Não, não quis mexer com nada não.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 3: Primeiro perguntou quem tinha sido o autor?

CIPRIANA: É, quer dizer, eles tinham feito uma perícia, não pôs a mão na sisura, mas eles tiram (trecho incompreensível) onde estava a bala e falou que não ia operar porque onde a bala parou não ia ficar atrapalhando por causa eu estava muito fraca e ia cortando e ia sair em cima daquele objeto e ia cortando e podia pegar infecção e aí não fez nada não [sic], aí mandou lá o Guará.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 4: Mas não deram algum remédio, alguma assistência?

CIPRIANA: Não nada, aplicou um litro de soro até fazer o depoimento e mandou eu ir embora aí a ambulância me levou aí cheguei na casa de meu sobrinho e já não aguentava mais sentar sozinha já estava com o corpo todo endurecido não conseguir sentar e (trecho incompreensível), aí o Chico Vigilante, quem sabe falei isso é assim, que eu sei que ele é um amigo que fez um trabalho muito bom nesse dia (trecho incompreensível) na mesma

hora eles mandaram o homem me buscar aí eles medicou, mas não tirou a bala, aí na tomografia, é tomografia que chama? Eles colocou o aparelho e mostrou onde a bala estava onde ela passou e aquela chuveira assim da costas passou queimando, e é uma bala grande assim, mas essa eu carrego, não estava atrapalhando em nada e certamente era pra mim carregar ela no corpo como troféu, porque é um troféu do mal mais pra mim sobrou foi isso, fiquei sem marido com a família destruída com a bala na corpo e 6 meninos menor e 6 desses meninos que eles são 8, 6 ficou doente aí nós ficamos uns 4 anos com os meninos tudo dando crise, dava crise em um e cai pra lá e corria com eles com trabalhadeira e levava pro cidade pra interna e antes de buscar esse, o outro dava e tinha que ir atrás pra buscar o outro nós ficamos 4 anos atrapalhado [sic] desse jeito e dai pra cá tem muitas, muitas passagens mas eu acho que já está bom.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 2: Deixa eu perguntar a senhora, e o corpo? Quem ficou cuidando do corpo, a senhora lembra se foi feito alguma perícia, se levou pra Brasília também?

CIPRIANA: O corpo né?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 2: É.

CIPRIANA: Sim, eu sei que veio uns policiais que foi chamado a primeira vez eles pegaram ele e levou pra...

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Bonfinópolis.

CIPRIANA: Bonfinópolis e Bonfinópolis foi pra Unaí não? Foi pra Bonfinópolis e depois pra Natalândia, né.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Foi.

CIPRIANA: Eles queria enterrar ele em Natalândia, ficou doendo tanto que o sangue dele ficou derramando pra aqui pra acolá sem ao menos (trecho incompreensível) da sepultura, né, que não podia descansar ficou pra aqui pra acolá nessa jornada tão dolorida, e isso causou na cabeça dos meninos e a gente não conseguiu mais nada não, só a liberdade graças a Deus.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 3: É possível a gente voltar em alguns outros episódios que aconteceram lá, teve um ano que eles invadiram a roça e tomaram toda produção, a senhora lembra disso? A senhora lembra mais ou menos ano? pode contar um pouco para nós sobre isso?

CIPRIANA: Não me lembro não mas eu acho que foi bem perto, acho que foi em 1983.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 3: O mesmo ano que derrubaram a casa?

CIPRIANA: Sim, foi nesse ano ou no outro ano seguinte.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 3: Como é que aconteceu isso?

CIPRIANA: Pois é primeiro eles avisavam através do vizinho que tinha pra fazer as intervenção [sic], primeiro eles soltavam a notícia que ia visitar nós aí mandou, primeiro, nas roçadas que a gente fez eles mandou uns policiais, não sei se era um cabo eu sei que era um cara da polícia, bichão [sic].

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 3: Fardado?

CIPRIANA: Sim, fardado grandão forte da cara ruim, chegou eu estava fazendo almoço pra levar pra roça e quando ele chegou lá e falou, que eu sai e aquele tanto de policial esquisito aí foi pegando depoimento meu e brigando, e tudo que eu falava retrucava aí eu falei: “Vem cá o que que você viu comigo, porque eu nem te conheço, e você não me conhece pra saber o que eu já fiz na vida porque você está me tratando assim?”, aí ele só respondeu assim: “Nem que hoje eu piso em você e mais adianto eu piso em mim, mas eu vou pisar em você, hoje.” [sic] e aí eu mal acabei de fazer almoço eu toda tremula, toda incomodada e que o meu medo era deles ir lá na roça e matar o povo que estava trabalhando, acabei de fazer a comida e fui os menino estava pra escola aí corri lá e falei pra Júlio os menino, acho que Vicente estava lá também, e aí falei eu disse assim, como é gente eu esqueço um bucado das coisa [sic], eu sei que no final eles mandou, no outro dia eles mandou alguém pra cutucar nós porque eles vinham buscar e tomar a produção.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 3: A polícia veio um dia.

CIPRIANA: Veio, e depois duas vezes, veio duas vezes esse dia que veio investigando pra poder brigando comigo, porque já sabia que eu sou atrevida e que eu estava com razão.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 3: A senhora sabe se era Polícia Militar, Polícia Civil?

CIPRIANA: Não sei não, eu não tinha costume com polícia, se não quando pegou mandato a polícia veio visitar a gente eu não tinha, eu não sei não era uma polícia muito...

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 3: Mas estava fardado?

CIPRIANA: Estava fardado, eu não lembro direto a cor da farda mas é uma farda escura uns detalhes vermelho.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 3: E quantos eram?

CIPRIANA: A eram cinco, uns cinco ou seis eu não tenho certeza, mas era no mínimo uns seis.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 3: Vieram uma vez?

CIPRIANA: Veio, ameaçou bastante falou que ia pisar em mim, acho que não foi no outro dia não, eu esqueço mais foi logo e ele voltou pra catar os mantimentos e eu não sei mais como ficou porque a gente fica tão aparentado porque muita coisa a gente não lembra.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 3: Mas quem voltou pra pegar os alimentos, pegar a produção da roça, foram os policiais ou os empregados jagunço da fazenda?

CIPRIANA: Veio tudo né, polícia com empregado pra pegar.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 3: E aí fez o que?

CIPRIANA: E aí que eu não lembro mais como ficou porque deu muitas versões muita coisa ao mesmo tempo, eu não lembro se eles chegou a levar ou se eles veio só pra intimidar mesmo, e porque eu tinha tentado de todo jeito, o jeito é mudar de lá, porque estava ruim demais, aí, mas não deu certo a gente não mudou e ficou tendo esses detalhe tudo a vida inteira, a gente viveu lá 17 anos que não comia direito, não dormia direito, a gente não tinha paz não tinha alegria, não tinha... olha a gente passou, mas não era de gente que presta não, e nisso eles ficaram pensando ficou muito encravado aquele monte de coisa ruim, a gente nunca teve intenção de ofender ninguém, queria liberdade pra trabalhar honestamente e criar nossos filhos, e foi difícil a gente criar nossos filhos até essa altura, os dois e depois disso que eu fiquei viúva, ao invés assim, queria incrementar lá naquela reunião que teve falou sobre anistia, sobre a prisão das pessoas que foi preso por causa da política e eu lembrava que a gente também estava ficando preso esse tempo todo nessa prisão que não era a cadeia, mas era prisão terrível que era com ameaça de morte e também tirou de nós o pão de cada dia que a gente colocava pros filhos, deixou os filhos sem comer o que presta, a gente não comia o que presta e no fim a gente estava passando era fome, não tinha com o que tratar.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 3: Quando acontecia essas ameaças vocês denunciava nas autoridades, denunciava?

CIPRIANA: Não, olha era ao contrário, quando eles sabiam de alguma coisa que a gente fez uma rocinha, ou fez uma cerca em algum lugar, plantava, eles mandava logo o... como que fala aquele cara que vem trazer o...

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 3: Oficial de Justiça?

CIPRIANA: O oficial de justiça manda logo para nós ir responder lá aí a gente ia vender o que a gente tinha guardado pra comer desse menino vendia aquilo pra poder pagar passagem pra ir lá, chegava lá era só pra tomar de nós e fazer nós sofrer era isso que...

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 3: Chegava lá a onde?

CIPRIANA: Lá na João Pinheiro, a gente pagava passagem pra ir na João Pinheiro pra depor assistência que eles tinham denunciado e ao invés da gente denunciar a gente que ia denunciado porque não tinha ainda nem consciência direito pra dizer que a gente ia fazer um saída assim pra poder denunciar pra livrar o nosso povo a gente era humilde de mais, somos ainda porque eu nem pude estudar, eu só sei ler escrever eu não tive estudo pra descobrir as coisas pra saber o que pode fazer pra aliviar a nossa dor de jeito que esses anos que eu tenho aqui Deus premedito porque eu precisava de viver para ver que ele tem poder pra levar a gente apesar de tudo a gente cai mais levanta, torna a cair ganha força pra levantar e é essa vida.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 3: A senhora gostaria de falar mais alguma coisa? A senhora falou pouco sobre o sindicato a senhora queria falar mais alguma coisa da participação do Julho da senhora na formação do sindicato, por que vocês participaram disso.

CIPRIANA: Pois é eu... A hora que eu falei da criação do sindicato eu queria até ter falado mais, porque o sindicato foi fundado por nós, inclusive minha filha virou presidente representante lá e a gente entrou, ajudou a fundar o sindicato, a gente assumia as mensalidades direitinho que a gente ia precisar dele, e o sindicato trabalhou muito por isso e eles trouxesse muita gente para nos da apoio [sic], nos dá força, ensinou a gente como clareai mais a consciência a gente foi aprendendo a cobrar o que era de direito, foi a través do sindicato que a gente foi intendendo foi a CPT, a CUT, a muitos colegas muitos amigos dessas áreas que tinha conhecimento levou pra nós consciência, mais consciência, trazia muitos assim caminhos pra gente tomar pra aprender a sair da enrascada e tal mais até então a gente não conseguiu, né, a coisa melhor que tinha era que se a gente pudesse estudar, ter estudado antes pra gente poder se sair melhor com essa de ter fundado o sindicato.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 2: Qual o nome do sindicato ?

CIPRIANA: Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Unaí, esse sindicato ajudou muito mas também ficou prejudicado até hoje a gente tenta fundar lá algum órgão que nos atendam e ainda esta muito fechado na mão daqueles poderoso que aqueles que mata os fiscais do Ministério do Trabalho, aqueles que faz com trabalho escravo, ainda tem trabalho escravo por lá e a gente sabendo disso tudo é uma prisão, é uma prisão que a gente sempre vive só que não é só nós em particular, o sindicato também vive sofrendo isso, uma hora tem que abrir mão pra não perde tudo, tem que abrir mão de algumas coisas do nosso partido que eu não tenho vergonha de falar que o partido do PT que é o Partido dos Trabalhador [sic] foi

criado, foi por Deus, foi criado pra mostrar que os pobres também tem valor, tem poder e unidos é capaz de fazer muito mais, agora eles também sofre repreensão, minha filha mesmo teve que mudar de lá de pressa.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 3: A senhora pode dizer o nome da sua filha

CIPRIANA: Maria Aparecida.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 3: Sempre que for falar o nome de alguém, eu vou pedir a senhora por gentileza falar o nome da pessoa tá.

CIPRIANA: Então tá, desculpa que eu já foi orientada e passei por cima. Inclusive ela minha filha que é a Maria Aparecida foi viver lá em enfrentando tudo, porque na época era muito difícil enfrentar fazendeiro era ameaçada de bala mesmo, e eles perseguiu né e ela teve que mudar de lá, mudou de lá e os outros ficou e até hoje a gente nunca conseguiu com o PT lá de verdade, até tinha algum que quer representar, mas no final não ganha e eu perdi a vida inteira com o PT, mas eu não estou cansada eu vou continuar, porque eu sei que esse partido vai nos ajudar e muito porque a gente não acabou a necessidade, a minha necessidade do começo passou, mas está continuando porque a gente precisa os nossos filhos os nossos netos da continuidade na vida.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: E o júri também participava do sindicato?

CIPRIANA: Participava, ele assistia as reuniões ele pagava direitinho todo mês, pagava pra ele pra mim porque nós todos era associado e quando ia dando os dias dele ir pro sindicato eu ficava tão feliz, porque eu tenho uma filha lá, né, que é a Maria Aparecida, e eu estava sentindo incentivada pra abrir mais a consciência aprender mais, e ele tinha tanta dificuldade pra ir, porque tinha que pagar passagem, e dinheiro pra nós era difícil, mas ele dava um jeitinho [sic] largava o serviço e ia e sempre que tinha uma manifestação eles estava junto animado assim, era calado, mas estava lá, tudo que ele precisava..

CIPRIANA: Até no mês antes de ele morrer (trecho incompreensível) pagou o sindicato ficou (trecho incompreensível).

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: A senhora que falar mais alguma coisa?

CIPRIANA: Já falei muito. É uma história muito grande, eu queria ainda falar alguma coisa sobre o prejuízo que os meninos ficou sofrendo com o desastre lá [sic].

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Os meninos quem?

CIPRIANA: Os meninos filhos. Eles são oito, primeiro era Maria Aparecida, depois vem o Zé, depois vem Domingos e assim por diante e são oito e o prejuízo foi praticamente total. Os meninos ficou dando crise [sic], adoeceu todo mundo, ficou dando crise, um dos meninos, o menino do meio do meio dos homens, eles eram três homens, o do meio ficou,

nossa eu nem sei falar como ele ficou, ele ficou detonado o que mais parece com o pai ele ficou com uma vontade de vingar tão grande que ele queria de qualquer jeito ganhar força para vingar e a gente foi tentando [sic], tentando mudar a ideia dele, que não ia ser bom pra nós, que ele ia ser um homem comprometido, que não ia ter liberdade mais e ele obedeceu, não fez não, mas reclamou, ele pegou, deu um problema lá de ficar dando crise e desse problema ele já chegou o ponto de rapaz, começou a beber, ficou reclamando isso que era engasgado, que não podia desabafar, ele começou a beber e sempre reclamando isso que foi um furo em cada cabeça dos meninos fi de Julio [sic], ficou um furo que nada mais tampa né, que ele viu acontecer com o pai deles que era um pai tão honesto, tão cuidadoso com os filhos, que nada mais tampa. Eu acho que esse prejuízo, uns ficou doente, outros ficou nervoso de vez querendo [sic], fazendo coisa que não deve por causa do nervosismo, ah foi uma perca total, muito grande.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Então nós vamos terminar essa oitiva com a Dona **CIPRIANA** da Cruz Rodrigues né?

CIPRIANA: Isso.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Eu, Maria Aparecida Rodrigues de Miranda na condição de de assessora da Comissão da Verdade de Minas Gerais, juntamente com **VANUZA** e Alexandre tomamos esse depoimento como um testemunho dessa luta desenvolvida pela Dona **CIPRIANA**, o marido dela e sua família na resistência pela terra. Hoje, na data de 15 de dezembro de 2014 aqui na sede da AGE, Agência Advocacia Geral do Estado também onde está localizada a comissão da verdade em Belo horizonte. Começamos esse depoimento por volta de 15h00min e agora são aproximadamente 16h00min. Nós queremos agradecer a colaboração da senhora com esse trabalho da Comissão da Verdade pra levantar novamente essas histórias desse período, nos anos 80 que ainda passávamos por uma transição do governo militar pelo governo civil, mas ainda acontecia muitas situações de violação dos direito humanos do campo né, queríamos agradecer a participação da senhora aqui hoje [sic].

CIPRIANA: Eu gostaria também de pedir a Deus que essa Comissão da Verdade consiga a colocar um fim nessa bramura que entrou no mundo de massacrar os mais fracos [sic], que isso pare de acontecer, assassinato, drogas, invasão de privacidade, que acabe de acontecer com o povo do mundo que venha te paz que a paz venha ser concedia no mundo pra todos nós [sic]. (Trecho incompreensível) quero agradecer por essa oportunidade, para mim é um desabafo né. Eu não sou muito de chorar, não quis botar luto [sic], mas o luto está aqui dentro e eu fico sem poder, engasgada sem poder fazer quase nada porque eu sou

quase uma analfabeta, eu sinto muita falta de poder ajudar, então vocês me desculpam que eu não dei conta falar direito, vocês não entenderam porque é difícil eu com o estudo que tenho eu conseguir acompanhar vocês, peço desculpa e agradeço, muito obrigada. E assim que precisar e eu conseguir dar conta de salientar alguma coisa estou aí.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Obrigada.

JOSÉ ALEXANDRE: Ok.

VANUZA: Bom, eu **VANUZA** Nunes Pereira, assessora da comissão da verdade de Minas Gerais, juntamente com o assessor José Alexandre Sales, estamos aqui no dia 05/02/2015, as 09h44min da manhã no prédio da advocacia geral do estado, na rua Espírito Santos 495, 7º andar em Belo Horizonte, Minas Gerais. Hoje nós vamos aqui ver o depoimento da senhora, Cipriana da Cruz Rodrigues né, a senhora já esteve aqui conosco anteriormente, ela vai continuar dando o depoimento dela, nós sabemos que a senhora Cipriana, ela vivencia uma, vivenciou uma experiência muito forte na luta pela terra, no município de Bom Fianópolis, na fazenda Riacho dos Cavalos, localidade de Mandiocal, em que o período que seria de 62 à 1993, e que neste contexto ocorreu o assassinato do seu marido, o Senhor Júlio Rodrigues de Miranda, no dia 06 de outubro de 1985, quando a Senhora Cipriana, também foi ferida. É a senhora, Senhora Cipriana, ela chegou a relatar também a respeito do sofrimento, o prejuízo né que causou aos filhos após a morte do pai né, o então marido, e nesse momento Dona Cipriana, nós sabemos que a senhora apesar da violência né, sabemos que a senhora e seu marido, toda a sua família participaram também da fundação do sindicato dos trabalhadores de Unaí né, no mesmo período. Bom a Senhora nós deu um depoimento no dia 15 de dezembro de 2014, a senhora esteve aqui conosco né, junto a essa comissão. No entanto a senhora deixou clara a sua disposição de complementar né, o depoimento. Então nesse sentido a gente gostaria que a senhora desse continuidade ao depoimento da melhor forma que for para a senhora, né, nós relatando né, o que aconteceu? O que ocorreu né, com a terra? O que quê aconteceu com a senhora? Com a família né, depois do assassinato do marido. Como que a senhora deu continuidade a vida da senhora depois desse acontecimento. Bom Dona Cipriana, a senhora tem toda a liberdade.

CIPRIANA: Obrigada. Bom, eu queria primeiro mostrar aqui que a família, que a gente falou dela, mas não falou, não mostrou quem são, e eu sou a mesma Cipriana (Trecho incompreensível) e estou complementando aquilo que eu já falei da outra vez, e a minha família, que aquilo é o meu estilo de vida, que era de, que era de (Trecho incompreensível) vestir, era uma situação muito apertada, mas eu usava esse método aqui para a gente

poder continuar, e já (Trecho incompreensível) sofrimento, era aquela cadeia de passagem que aconteceu, mas eu gostaria agora de, ela está um pouco depois né, que a gente não ficou só naquela (Trecho incompreensível), tivemos algumas melhoras não é, teve muitas dificuldades, mas também, daí para cá a gente teve né, bastante assessoria teve muitas gentes que nós ajudamos [sic], deu uma força muito grande para a gente que era uma família que gente pobre mas honesta, tivemos que trabalhar muito, mas o trabalho deus nos deu todo direito de levantar um pouco mais do que era a situação, aí a gente deu uma volta mais ou menos diferente na vida né, eu quando eu me achei viúva [sic], com os meninos para criar, eu fiquei muito, muito detonada, pensei que até não ia dar conta de me virar, mas deus me ajudou, e as pessoas que me ajudaram também, teve chance de melhorar aqui a saúde, a gente cuida mais da saúde, tem né um genro que, tomou conta do meu plano de saúde e da (Trecho incompreensível) da vida, veio pra cá e a (Trecho incompreensível) de vez em quando, mas tudo tá [sic], com a remedinha que eu tenho estou bem graças a deus [sic], estou dando conta de trabalhar, dando conta de, com a voz meio ruim, mas estou dando conta de falar e tem também que agradecer muito a deus e Maria Santíssima, e os amigos que ajudaram, (Trecho incompreensível) volta também meio drástica na vida, porque eu não fui criada assim, mas aí eu parti para né, levantar a cabeça, comecei a criar novas né ideias na cabeça, comecei a ir para o forro, fui dançar, fui encontrar amigos, fazer mais amizade, porque eu tinha que sobreviver né, depois de tudo, eu tinha que esquecer um pouco do que eu estava passando para mim poder pegar um caminho que ia me levar, mas eu não tinha. Hoje eu estou com 73 anos e então eu ainda tento com os filhos criados, todos com a média de vida, mais ou menos boa, hoje tem uma casa, mais ou menos boa né, em vista do que eu tinha tenho uma casa boa, tenho tudo que que precisava, energia, água em casa e indisposição, trabalho bastante ainda, faço é, pranto mandioca [sic], faço meu porvio [sic], faço a minha farinha, faço azeite de momana [sic], descobri que estava sendo útil porque o pessoal descobriu que esse remédio é muito bom, e que começou a procurar, procurar e eu comecei a fazer né, e estou fazendo, vendo muito bem, peguei para fazer polpa de fruta, estou fazendo além de usar em casa, e estou servindo a comunidade fazendo a diferença, porque antes tinha um suco que estava fazendo o povo ficar obeso né, agora o suco natural é mais né, mais sensível, mais no jeito de não dá tanta né, tanto peso no corpo da pessoa e hoje tem, nós temos, tínhamos um (Trecho incompreensível) fundar a empresa nessas coisas assim, pouco de fruta, castanha do paru [sic], fazer o (Trecho incompreensível), mas fazer o de mandioca, de cana né, tivemos a ideia de fundar, mas não deu para fundar, que o pessoal (Trecho incompreensível), não deu conta de acompanhar a

gente aí eu fiquei quase sozinha, mas cá ainda estou eu com a minha nora e o meu filho trabalhando né, e tamos fazendo alguma coisa ainda [sic], e tenho assim esperanças de fazer mais, quando a gente ver os projetos e depois que entrou aí a graça que Deus mandou, de tudo entrando na residência, ajudou muito, deu a gente muito força, a gente começou a ver que nosso pobre também temos um lugar pra escorar [sic], pra sobreviver e não perder tempo não [sic], todo mundo vai indo atrás né, desenvolver pra ver se faz mais umas coisa dessas, porque nem só pra nós está ocupando a cabeça, ajudando a gente velho e ainda está ajudando na alimentação, na nossa e ainda da comunidade e até do Estado né, e temos força ainda não para fazer tudo, (Trecho incompreensível) estamos lutando para chegar lá.

VANUZA: E a respeito Dona Cipriana, é assim a senhora disse, quantos filhos mesmo a senhora tem?

CIPRIANA: Eu tenho oito...

VANUZA: Sim.

CIPRIANA: E inclusive tenho um filho Neto, o (Trecho incompreensível).

VANUZA: A senhora pode relatar os nomes dos filhos...

CIPRIANA: Posso...

VANUZA: Por gentileza.

CIPRIANA: Todos né?

VANUZA: Isso.

CIPRIANA: Pois é, primeiro é a Maria Aparecida Rodrigues de Miranda, depois José Rodrigues de Miranda também, depois Domingas Rodrigues de Miranda, depois Itamar Rodrigues de Miranda, depois Maura Rodrigues de Miranda, depois Regina de Fatima Rodrigues de Barros, depois Eunice Rodrigues de Miranda e depois Rogerio Rodrigues de Miranda também e Denner Ferreira da Silva. O Denner é neto, mas foi eu que criei, nós criamos né, e daí hoje ele é pai de família, já está estabilizada e ainda está, aqui eu não estou sozinha porque, eu não devo ficar sozinha no meio de tanta gente, mas no caso não tem mais (Trecho incompreensível), Deus e a mãe dele, e minha mãe também.

VANUZA: Dona Cipriana, a senhora nós relatou aqui é, bom na verdade eu gostaria que se fosse possível, que a senhora nos relatasse, o que quê aconteceu com a terra onde a senhora morava, logo depois do assassinato do marido da senhora.

CIPRIANA: Pois é, infelizmente a gente perdeu tudo, perdeu na justiça, e ainda fomos ainda tirado de lá [sic], nós fomos despejados, a terra está lá hoje, eu acho que já té foi vendida [sic], mas a gente não tem mais contato né, a gente ainda foi, visitou lá, só para matar a

saudade mesmo, mas acabou tudo, o que a gente fez lá, deixou acabar tudo, e hoje nós tamos né [sic], podemos dizer que tamos numa terra nossa [sic], que essa lá era para ser nossa, mas como os brigueiros falou mais alto [sic], a gente ficou sem, agente despejado, mas a gente já tinha, deu um jeitinho e comprou uma, uma posse de um senhor lá, que queria vender, o índio estava entrando nas terras, e ele assismou de vender [sic], e aí ele vendeu para nós o, a cédula dele, eu fiquei lá oito anos, mas a minha filha adoeceu, e estava só nos duas, adoeceu e ficou mal, eu fiquei muito tempo com ela passando trabalho, baixando pro hospital [sic], voltando pra casa não conseguia ficar, nós ficamos com ela uns sete anos desse jeito sem sussego [sic], aí meus filhos que foram saindo, (Trecho incompreensível) na, nesse assentamento e eu já estava nesse assentamento lá, fiquei de (Trecho incompreensível) syndicado que ajudou fundar, sempre solidário com a gente, mostrou para nós essa posse lá, que estava para ser vendida, e aí ajudou nós, a gente comprou lá, e depois eu fiz uma permuta para outro assentamento que meu filho estava morando lá, aí eu fui e fiquei lá bem pertinho dele, já ficou muito melhor por que a terra era maior, era um lote mais pequeno [sic], mas era a terra muito boa, eu tenho, passa o rio no fundo dele, e a gente tem assim bastante liberdade lá.

VANUZA: Entendi. Outra questão Senhora Cipriana, a senhora poderia nós esclarecer, como que foi o julgamento, se houve julgamento né, depois do ocorrido do assassinato do marido da senhora.

CIPRIANA: Pois é, a gente conseguiu através dos amigos e das pessoas, hoje tem né as pessoas que se importa com as condições, nós conseguimos pôr o assassino no banco de réu [sic], tanto, por duas vezes, eu não dou conta de falar né, as épocas, eu sei que nós conseguimos [sic], só que ele não ficou preso. E aí era o Henrique né, famoso e casou o seu jeito logo de se safar né, aí quem ficou preso mesmo, foi eu e minha família né, marido ficou debaixo da terra do jeito que ele falou, foi nós que ficamos preso, mas com o tempo a gente, Deus ajudou que a gente foi libertando né, e não acabou as ameaças não, porque eles até conseguiram tirar nós da terra, mas a gente teve que, já teve um problema de folego né pra comprar uma terrinha e passamos pra lá [sic].

VANUZA: A senhora poderia repetir o nome é do...

CIPRIANA: Do assassino né.

VANUZA: Do assassino.

CIPRIANA: Que é José Boaventura e Leandro Magalhaes.

VANUZA: Entendi.

CIPRIANA: Era um cara rico e portanto criava os filhos deles, na verdade com o nosso suor né. Porque a gente trabalhava lá (Trecho incompreensível), com muito esforço mesmo, com muita dificuldade, porque a gente não tinha nem (Trecho incompreensível) machado, braço e machado mesmo, (Trecho incompreensível) na marra, do jeito que a gente dava conta, mas não final eles levava a parte, que eles disse que era dele, ele levava a cerca inteirinha (Trecho incompreensível) e fui lá né, meus filhos divia ser criado com o nosso suor [sic], foi deles, foi o contrário né, os meus Graças a Deus não morreu nenhum, mas sofreram muito e até hoje tem sequelas desse sofrimento aí, dessa época né. (Trecho incompreensível) trabalhou tanto e não pode dar o que os filhos deles tinha, né, e a gente tem que se virar com o que sobrou né, (Trecho incompreensível) eu e os meninos, que o meu marido já não ficou, mas a gente teve a Graça de Deus de tá (Trecho incompreensível).

VANUZA: A senhora lembra de algum acontecimento, algo que aconteceu, a senhora fala que com os filhos da senhora sofreram muita opressão né, naquela época principalmente e até mesmo depois da perda do pai, a senhora se lembra de algum acontecimento em especial? Que alguns dos filhos da senhora passou?

CIPRIANA: Sim. Infelizmente é muitos, é eu tenho um filho, acho que é o quinto, é o quarto filho....

VANUZA: Qual o nome do filho.

CIPRIANA: Itamar Rodrigues de Miranda, (Trecho incompreensível), mas ele ficou dando crise né, sofrendo epilepsia e ele não podia misturar com bebida alcoólica, mas com essa dele ter ficado muito chateada (Trecho incompreensível), ele é um menino rebelde assim, dava muito trabalho porque ele não conseguia ser igual aos outros né, aquela chama que ele tinha aí, ele na época lá ele bebeu né (Trecho incompreensível). Trabalhou tanto, prantou feijão [sic], colheu feijão, (Trecho incompreensível) nas costas, levou pra uma cidadezinha (Trecho incompreensível) de pé, pra vender esse feijão e comprou um revolver, eu fiz isso (Trecho incompreensível) comprou esse revolver aí oh, (Trecho incompreensível) que eu quero muito, é aí comprou, chegou com um revolver (Trecho incompreensível), eu falei tudo bem, você não obedeceu, comprou, mas então você vai me ouvir, você guarda esse revolver, não sai com ele não porque isso é um perigo, tanto para mim, quanto para você, (Trecho incompreensível), eu comprei uma arma tão bonita desse jeito, pra deixar guardada. Eu, pois é não devia ter comprado, você não pode (Trecho incompreensível) você sabe que, revolver pra que é né? E não deve usar não. Aí ele chegou em um sete de setembro lá (Trecho incompreensível) esse revolver e foi pra festa, e eu lá, chegou lá e começou, bebeu né, (Trecho incompreensível) voltou lá e pegou esse revolver e foi lá para o

samba né, pagode, e começou a falar (Trecho incompreensível), ele era muito encharcado contra a polícia, porque as policias judiava muito de nós, ele tinha muito ódio das policias, e aí ele dopado, falando muito, a polícia mandou ele, olhar o que você tem, (Trecho incompreensível) só que ele estava preparado e não deixou acertar em ninguém, (Trecho incompreensível) foi para cadeia, apanhou muito, quebraram dente dele, jogou ele na cadeia dele e disse (Trecho incompreensível) presos (Trecho incompreensível) tá direto com ele [sic], isso para uma mãe, e que já tinha passado tanto trabalho, não ficou barato não, foi difícil para mim. Aí eu tinha vindo (Trecho incompreensível) tratamento, tratando do marido desaparecido, (Trecho incompreensível) que ele estava preso e desse jeito né, e (Trecho incompreensível) e tirou ele da cadeia, trouxe pra cá, mas ele era muito desorientado, muito difícil, deu um trabalho para esse rapaz entrar (Trecho incompreensível) nó [sic], já nós 40 anos que ele foi virar homem mesmo. Mas Graças a Deus, hoje ele é um homem trabalhador muito responsável, casou, tem família, cuida direitinho, tem um filho fora do casamento, mas quando ele casou ele já tinha o filho, cuida muito bem, e é um filho que me ajuda muito, hoje ele reconhece o tanto (Trecho incompreensível) trabalho né, hoje ele tenta compensar com a ajuda, vale muito a pena né, tipo de ter passado por isso e no final entrou nos triks está bom né [sic].

VANUZA: É a senhora disse também, a senhora e a família ajudou na fundação do sindicato? Aonde era esse sindicato?

CIPRIANA: Esse sindicato é na cidade de Unaí. Que é, fica, não sei quantos quilômetros exatamente, mas fica duas horas de Brasília, é bem perto, e está crescendo muito, só que Unaí é uma cidade que ela é muito pressionada por fazendeiro. É muito fazendo grande, e operando (Trecho incompreensível), mas eu vou falar o que eu acho, uma, eles são umas, ele foi lá e morreram uns, como é que chama o ministério do trabalho....

VANUZA: Os agentes?

JOSÉ ALEXANDRE: Os fiscais.

VANUZA: Fiscais?

CIPRIANA: Os fiscais do ministério do trabalho, e o pessoal lá tem assim (Trecho incompreensível) muito diferente do que devia ser, e (Trecho incompreensível) o povo voltou nele (Trecho incompreensível). Eu acho até que não foi o mal governo não, mas essa, essa ideia de tirar ele da cadeia para governar, acho que é muito ruim porque, a gente já tinha, já sabia que era para (Trecho incompreensível) continua porque não teve uma punição que, né, os outros pode está até sendo punido né [sic], mas o cara que estava na cadeia não está, está levantando o braço a hora que quer, isso para nós incomoda, porque a gente

estava quetinho né [sic], a gente precisa de, da política de Unai (Trecho incompreensível), dentro de uma fornalha de fogo, e os pobres tem muita dificuldade de passar.

VANUZA: Qual que é o nome do sindicato, Dona Cipriana?

CIPRIANA: É Sindicato dos trabalhadores rural de Unai. (Trecho incompreensível).

CIPRIANA: (Trecho incompreensível) já estava grande, a Cida, (Trecho incompreensível) aí não consegui fazer (Trecho incompreensível), assim (Trecho incompreensível) direito né, (Trecho incompreensível) constante né, (Trecho incompreensível), eu estou sentido que (Trecho incompreensível).

JOSÉ ALEXANDRE: A senhora mostra essa foto primeiro para mim.

CIPRIANA: Essa (Trecho incompreensível).

JOSÉ ALEXANDRE: Essa, é a segunda da família, essa...

CIPRIANA: (Trecho incompreensível).

JOSÉ ALEXANDRE: A senhora abaixa a foto para mim um pouquinho.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Baixar um pouquinho mais (Trecho incompreensível).

JOSÉ ALEXANDRE: Isso. A senhora consegue nomear as pessoas que estão nessa foto.

CIPRIANA: Consigo.

JOSÉ ALEXANDRE: A senhora vai falando para nós.

CIPRIANA: Esse daqui.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 2: Pode ser aleatório, Dona Cipriana.

CIPRIANA: Tá.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 2: Só dizer os nomes aí.

CIPRIANA: Meu marido, minha filha que hoje está doente que é está aqui. Meu marido (Trecho incompreensível). Aqui é a Eunice, minha filha casula das mulheres, aqui há Maura, (Trecho incompreensível) aqui também, está aqui Domingas que é a, a mãe dos sete filhos, que é a Maria Aparecida, o senhor me desculpe, aqui é Maria Aparecida e aqui é Domingas, aqui é Maria de Fatima, aqui é eu e aqui é o Itamar.

JOSÉ ALEXANDRE: A senhora está aonde mesmo na foto.

CIPRIANA: Oi?

JOSÉ ALEXANDRE: A senhora é qual na foto?

CIPRIANA: Essa aqui é eu né.

JOSÉ ALEXANDRE: É.

CIPRIANA: Eu sou essa.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 2: Dona **CIPRIANA**, a senhora é está se lembrando, gostaria de falar algo que a senhora sinta que é importante (Trecho incompreensível).

CIPRIANA: Sim. Eu (Trecho incompreensível), mas eu gostaria muito de ainda receber uma pensão, e que eu acho que é merecido, o fazendo tirou do sei da família um pai novo, com oito filhos para criar, um trabalhador que não tinha encrenca com ninguém, não bebia cachaça, (Trecho incompreensível) cuidava tanto da família dele, e morreu com a roupa rasgada, sandália rasgada no pé, chinelo, e nunca, e nunca conseguiu receber uma (Trecho incompreensível), não via nada, não via nada, até que quando ele morreu, ele (Trecho incompreensível), porque o que fazia, o que os fazendeiros (Trecho incompreensível), e a gente não conseguiu juntar nada, só que somos de uma família que tem muito apreço pela família, e que interessava mais para nós era, o bem está da família, o que nós podemos fazer, fizemos que era, para nós era uma honrar cuidar (Trecho incompreensível) da nossa obrigação e (Trecho incompreensível) no coração falar isso, mas o meu marido morreu de (Trecho incompreensível), ele estava, ele tinha doecido naquele dia [sic] (Trecho incompreensível), eu não tinha nem conseguido comer, e foi lá em cima para (Trecho incompreensível) com os fazendeiros, (Trecho incompreensível) e a gente ficava (Trecho incompreensível), participava (Trecho incompreensível) era só (Trecho incompreensível), até comemorando era só AP, mas aí depois que ele morreu, a história de sumir né, a casa apareceu, (Trecho incompreensível) BH foi Padre Miguel, na época era o (Trecho incompreensível) teve gente aí que fazia croxe de dia [sic], croxe de noite [sic] (Trecho incompreensível), alimento, filtro, roupa, coberta (Trecho incompreensível) dormi e aquele apoio, aquela força, foi uma purção [sic] de gente nós apoiando, a gente (Trecho incompreensível), aquela cachaça toda que estava acontecendo, a gente viu o (Trecho incompreensível), tá. E quando ele morreu (Trecho incompreensível), aí eu não passei mais necessidade, os meninos graças a deus, todo mundo pode estudar sem medo, sem, eles tem problema na cabeça (Trecho incompreensível), e eu quero dizer que (Trecho incompreensível), não tinha liberdade (Trecho incompreensível) e tal, mas a vida me ensinou muito essa, esses episódios aí (Trecho incompreensível), eu estou, não estou arrependida de ter passado por esse tanto (Trecho incompreensível) pudesse escolher, eu não estou arrependida. E o que eu fiz, com a garra do que eu fiz, eu fazia tudo de novo.

JOSÉ ALEXANDRE: Dona **CIPRIANA**, salvo por menor juiz, a senhora continua até com, a senhora reside na região, na fazenda não é isso? No assentamento?

CIPRIANA: Sim. Eu hoje estou no assentamento, é um programa (Trecho incompreensível) lá na fazenda de (Trecho incompreensível) no município de Unaí mesmo, (Trecho incompreensível), eu fiquei lá né, ficamos lá oito anos, mas por falta da saúde da (Trecho incompreensível) a minha família estava muito debilitada, a gente veio, fizemos uma permuta e eu fui para esse nova assentamento, que lá é muito, bem melhor, tem tudo, tem, (Trecho incompreensível) mora na beira da estrada, é estrada real, que não é asfalto, mas é uma estrada boa, passa, tem onibus todo dia [sic], tem um escolar todo dia, tem um arraialzinho (Trecho incompreensível) que tem lá perto, (Trecho incompreensível), e a gente aprendeu a fazer (Trecho incompreensível), ela vende tudo, a gente viu que se não tiver medo de trabalhar a gente consegue, (Trecho incompreensível) segurar para sobreviver.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 2: Bom Dona Cipriana, a senhora sente que a senhora relatou tudo o que a senhora gostaria?

CIPRIANA: Ah nunca a gente chega no fim né. É uma vida inteira, mas é, se a gente ficar puxando, as vezes a gente fica com medo de está falando demais né, tempo demais, porque nossa nessa minha trajetória tem muita coisa que (Trecho incompreensível), tem uns pedaços na dieta dos outros para ver se né, você dá um depoimento que não fica tão descarado (Trecho incompreensível).

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 2: Dona Cipriana, nós da comissão da verdade de minas gerais, nós gostaríamos de agradecer a senhora pela gentileza, pela disponibilidade, e também dizer que nós estamos totalmente a disposição da senhora, caso a senhora queira voltar, nós estaremos sempre aqui para ouvir a senhora, o nosso trabalho é esse né, relatar, trazer aí a memória, trazer a verdade do que realmente aconteceu né, naquela época. Não só com a senhora mas a todos aqueles que sofreram algum tipo de repressão (Trecho incompreensível). E nós estamos aqui, agora são as 10h48min, nós estamos terminando a sua oitiva com a Dona, Senhora Cipriana da Cruz Rodrigues, que foi vítima né, de um ferimento a bala e também perdeu o seu marido, o seu Júlio Moreira de Miranda, no dia 06 de outubro de 1985, no município de Bom Finópolis, na fazenda Riacho dos Cavalos na localidade de Mandiocal.

CIPRIANA: Sim. Correto. Que hoje o município lá já é outro né, mas na época era (Trecho incompreensível), agora (Trecho incompreensível) ...

JOSÉ ALEXANDRE: Como? De Natalândia.

CIPRIANA: Natalândia.

JOSÉ ALEXANDRE: Natalândia.

CIPRIANA: Município de Natalândia. (Trecho incompreensível) eu gostaria muito de mostrar, como que a gente ia lá de casa para (Trecho incompreensível), é muita, muita coisa. Na época a gente andava era de trem, para essa menina (Trecho incompreensível), e nós fomos levar as menina para vacinar [sic], e saímos de lá de tardinha [sic], nós passamos a noite inteira na mata, andamo [sic], e quando nós foi saindo lá fora para chegar em casa (Trecho incompreensível), ah mas foi muito ruim senhor, era uma estrada muito, não era estrada, era um trio e a gente (Trecho incompreensível) e de novo, até chegar sete vezes, o mermo córrego [sic], era difícil de mais (Trecho incompreensível) quais todo dia [sic], (Trecho incompreensível), mas aí a gente viveu muito, esses 31 ano lá em torno dessa [sic], dessa mataiada do lado [sic], (Trecho incompreensível). Tinha, nós tiamos vizinhos, nós tiamos vizinho bom, nós tiamos vizinho puxa saco [sic].

JOSÉ ALEXANDRE: A senhora lembra de algum vizinho da senhora na época?

CIPRIANA: Oi?

JOSÉ ALEXANDRE: A senhora lembra de algum nome, de algum vizinho...

CIPRIANA: Lembro. O que nós entregava (Trecho incompreensível) chamava João, acho que João (Trecho incompreensível), e tudo que nós fazia (Trecho incompreensível), eles (Trecho incompreensível), o que nós tinha de mantimento (Trecho incompreensível) para nossos filhos, tinha que vender (Trecho incompreensível) pagar passagem (Trecho incompreensível), pra comparecer lá na delegacia. (Trecho incompreensível) que era trabalhador, e nós falava pouco [sic], (Trecho incompreensível) 30 anos. Hoje eu estou sem ele (Trecho incompreensível).

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 2: Dona Cipriana (Trecho incompreensível) ...

CIPRIANA: Oi?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 2: Mais uma vez muito obrigada.

CIPRIANA: Eu que agradeço, muito obrigada por ter me colocado na posição de fazer mais um depoimento (Trecho incompreensível) contar minha história, agradeço muito e nem só por mim, mas por toda a minha família e desejo que a comissão da verdade sempre possa progredir cada vez mais, e peso desculpas (Trecho incompreensível) devia né, porque eu sei que tem muitos casos (Trecho incompreensível), mas também eu sou uma analfabeta, eu não sei falar direito, eu estou só relatando o que passou por mim, o que eu consegui colocar, mas agradeço de coração né, brigado pela amizade [sic], por essa oportunidade e que esse 2015 traga para vocês todos muito sucesso.

JOSÉ ALEXANDRE: Muito obrigado, para a senhora também.

CIPRIANA: Brigada [sic].